



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
AGROECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO RURAL**

**AGROECOLOGIA E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: UM ESTUDO DE  
CASO DA PRÁXIS DA COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA  
(CSA) SOROCABA**

**THAIS SANTOS DE SOUZA**

**Araras**

**2024**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
AGROECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO RURAL**

**AGROECOLOGIA E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: UM ESTUDO DE  
CASO DA PRÁXIS DA COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA  
(CSA) SOROCABA**

**THAIS SANTOS DE SOUZA**

**ORIENTADOR: PROF. DR. HENRIQUE CARMONA DUVAL  
COORIENTADOR: PROF. DR. FERNANDO SILVEIRA FRANCO**

Dissertação apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em Agroecologia e  
Desenvolvimento Rural como requisito  
parcial à obtenção do título de  
**MESTRE EM AGROECOLOGIA E  
DESENVOLVIMENTO RURAL**

Araras

2024

Santos de Souza, Thais

Agroecologia e construção do conhecimento: um estudo de caso da práxis da Comunidade que sustenta a agricultura (CSA) Sorocaba / Thais Santos de Souza -- 2024.  
69f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus Araras, Araras  
Orientador (a): Henrique Carmona Duval  
Banca Examinadora: Jose Maria Guzman Ferraz, Marta Cristina Marjotta Maistro  
Bibliografia

1. Diálogo de saberes. 2. relações sociais. 3. Circuitos curtos de comercialização;. I. Santos de Souza, Thais. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Helena Sachi do Amaral - CRB/8  
7083



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

Centro de Ciências Agrárias  
Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural

---

**Folha de Aprovação**

---

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Thais Santos de Souza, realizada em 19/07/2024.

**Comissão Julgadora:**

Prof. Dr. Henrique Carmona Duval (UFSCar)

Prof. Dr. Jose Maria Gusman Ferraz (UNIARA)

Profa. Dra. Marta Cristina Marjotta Maistro (UFSCar)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos que vieram antes de mim, eu não ando só. A todas e todos que acreditaram que eu poderia seguir meu caminho de forma livre e forte, a fé de vocês me inspirou. Pela força e proteção de todos os encantados. À minha família, por ter me ensinado desde cedo que eu sou capaz. Obrigada mãe, rito, bibo e Teco. Obrigada Marjory por mais uma vez ser meu acalanto e morada e pelo Léo por aguentar nossas risadas infinitas. Obrigada Thabinha por me escutar e me entender. Não existe cura sem enfrentamento da dor. Ao Sítio Mãe Terra por ser rio, terra e afeto, por compartilhar comigo uma memória de tanta potência. Agradeço ao Caique pela companhia, pela rádio campesina e pela leitura dos sonhos. Ao Henrique por acreditar tanto em mim, mesmo quando eu mesma não acreditei, fico feliz de caminhar na agroecologia com pessoas como você. Fernandinho por ser uma memória viva da história da CSA e por dividir seu almoço comigo desde a graduação. Agradeço à minha família de Araras, pelos ensinamentos de Adélia e dos perrengues e alegrias compartilhadas com Juju e Matheus, eu amo muito vocês. Aos meus amigos, pelos dias de álcool, mas ainda mais pelas conversas profundas. Raul, Ale, Rafael e Well pela acolhida Sorocabana. Fred por me incentivar com a escrita das páginas tendo como recompensa o conhaque, com gelo (mesmo que eu não tenha pedido). Aos meus amigos agroecológicos, por construírem sonhos e desaguar comigo. Doug e Fernando pelo colo e por emprestar a casinha de vocês. Nati, Muri, Nat e Marília pela paciência no tempo e processos. Nati e Helena pelas leituras e escritas cuidadosas. Vocês me inspiram sempre.

Agradeço Vic Starck por ter cedido as belas fotos que compõe esse trabalho e Rito, meu irmão, pela ilustração do Rio do Tempo, vocês trouxeram poesia pra essa história.

Agradeço ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil ( CAPES), e ao PPGADR UFSCar.

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1. Princípios da CSA Brasil.	20
Figura 2. Mapa do Lote Sítio Mãe Terra.	23
Figura 3. Rio do Tempo da CSA Sorocaba.	29
Figura 4. Agricultor preparando preparado biodinâmico.	31
Figura 5. Reunião entre parceiros no barracão do assentamento.	33
Figura 6. Cota semanal da CSA Sorocaba	35
Figura 7. Agricultora montando a Cesta	37
Figura 8. Estagiários contribuindo com as atividades diárias.	38
Figura 9. Nuvem de Palavras para a questão: O que é agroecologia para o sítio Mãe Terra?	41
Figura 10. Instagram da CSA Sorocaba.	42
Figura 11. Publicação de receita.	44
Figura 12. Feed do Instagram	46
Figura 13. Relação da visualização dos vídeos do Instagram.	48

**LISTA DE SIGLAS**

ABA - Associação Brasileira de Agroecologia

ANA – Articulação Nacional de Agroecologia

APROBIO - Associação José Guilherme Stecca Duarte dos Produtores Agroecológicos e Biodinâmicos da Reforma Agrária da Região Sorocabana

CEBs – Comunidade Eclesiais de Base

CPT – Comissão Pastoral da Terra

CSA – Comunidade Sustenta Agricultor

CUT- Central Única dos Trabalhadores

GT – Grupo de Trabalho

ITESP - Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo

ITR - Imposto Sobre a Propriedade Territorial Rural

MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário

MP – Medida Provisória

MST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

NAAC – Núcleo de Agroecologia Apete Caapuã

PAA – Programa de Aquisição de Alimentos

PJ - Pastoral da Juventude

PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

SPG - Sistema Participativo de Garantias

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos.



## SUMÁRIO

	Página
<b>1. INTRODUÇÃO</b>	3
<b>2. OBJETIVOS</b>	5
2.1 Objetivo Geral	5
2.2 Objetivos específicos	5
<b>3. REVISÃO DA LITERATURA</b>	6
3.1 Agroecologia e princípios agroecológicos: breves apontamentos	6
3.2 A emergência da CSAs	8
3.3 CSA Brasil	11
3.4 CSA no Brasil e as possibilidades de construção de conhecimento em Agroecologia	13
<b>4. METODOLOGIA</b>	16
4.1. Área de Estudo	16
4.3. Organização do Conteúdo	21
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	23
5.1. Rio do Tempo: o cruzamento das histórias	23
5.2. CSA Sorocaba: aspectos organizativos e relações institucionais	32
5.3. A experiência da CSA Sorocaba: princípios e comunicação	38
5.4. Onde estão ancorados nossos sonhos?	47
<b>CONCLUSÕES</b>	48
<b>LITERATURA CITADA</b>	51

## **AGROECOLOGIA E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: UM ESTUDO DE CASO DA PRÁTICA DA COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA (CSA) SOROCABA**

**Autora: THAIS SANTOS DE SOUZA**

**Orientador: PROF. DR. HENRIQUE CARMONA DUVAL**

**Coorientador: PROF. DR. FERNANDO SILVEIRA FRANCO**

### **RESUMO**

A Agroecologia se constrói a partir da valorização dos conhecimentos tradicionais, das relações respeitadas entre todos os seres, da economia solidária e do enfoque na conservação e manejo de agroecossistemas biodiversos. Alinhada com a Agroecologia, as Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA) buscam ações de solidariedade, colaboração e afeto, por meio da comercialização justa de alimentos de qualidade. Nos últimos anos as CSA têm crescido em vários municípios brasileiros, associadas a princípios que dialogam com a Agroecologia. O objetivo central do trabalho foi investigar as estratégias de comunicação e construção do conhecimento agroecológico a partir do estudo de caso da CSA Sorocaba-SP. A abordagem se deu por meio de metodologias participativas, entrevistas semiestruturadas e grupos focais. Como resultado, foi realizada a sistematização da experiência, analisando as ações e estratégias de comunicação, mas também como a CSA se organiza, seus parceiros, suas potencialidades e desafios.

**Palavras-chave:** Diálogo de saberes; relações sociais; Circuitos-curtos de comercialização;

## **AGROECOLOGY AND KNOWLEDGE CONSTRUCTION: A CASE STUDY OF THE COMMUNITY THAT SUSTAINS AGRICULTURE (CSA) SOROCABA**

**Author: THAIS SANTOS DE SOUZA**

**Adviser: PROF. DR. HENRIQUE CARMONA DUVAL**

**Co-adviser: PROF. DR. FERNANDO SILVEIRA FRANCO**

### **ABSTRACT**

Agroecology is built on the valorization of knowledge, respectful relationships between all beings, solidarity economy and the focus on conservation and management of biodiverse agroecosystems. Aligned with Agroecology, the global organization Community that Sustains Agriculture (CSA) emerged in the 1960s, which seeks actions of solidarity, collaboration and affection, through the fair marketing of quality food. In recent years, CSA have grown in several Brazilian municipalities, associated with principles that dialogue with agroecology. The central objective of the work is to study the communication strategies and construction of agroecological knowledge that occur through the Community that Sustains Agriculture (CSA) based on the case study of CSA Sorocaba, located in the state of São Paulo. The approach used is action research, using active methodologies, semi-structured interviews and focus groups. As a result, the aim is to systematize the experience, outlining strategies that allow the future exploration of the power of agroecology in the reconstruction of a critical, humane, transformative science aligned with popular principles.

**Keywords:** Dialogue of knowledge; social relations; Short marketing circuits;

## 1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho se inscreve em um contexto de vida e pesquisa específico. O interesse em estudar a construção do conhecimento a partir dos processos estimulados pela agroecologia se cruza com minha trajetória de vida. Em 2020, após 5 anos de atuação como educadora popular pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no estado da Bahia, mudei para o Assentamento Laudeonor de Souza, localizado no município de Piratininga- SP e a partir deste momento passei a vivenciar contextos de vida e produção agroecológica nessa comunidade, compondo como agricultora a CSA Flor de Lótus, do município de Bauru- SP.

Ao mesmo tempo em que vivenciei essa experiência e me envolvi progressivamente na produção agrícola e no manejo das várias relações de trabalho no entorno da casa, do quintal e da roça, também ingressei em 2021 no mestrado. A partir disso, mergulhei no desafio de compreender as relações da agroecologia a partir das lentes críticas da pesquisa e dos métodos estimulados pelo Programa de Pós-graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural (PPGADR) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) campus Araras.

Esse duplo papel, simplificado aqui na relação “pesquisadora-agricultora”, me trouxe complexidades e movimentou sentidos que impactaram de maneira distintas esse percurso de pesquisa. Se, de um lado, a imersão no cotidiano de operação de uma “Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA)” me permite acessar inúmeras maneiras de como ela se constrói, de outro, reforça as necessidades de dimensionar com precisão os focos desta investigação.

Quais são os encontros possíveis entre esses dois universos? Essa pesquisa nasceu a partir do interesse em contribuir com esse espaço de discussão, da necessidade e motivação em conhecer estratégias que potencializem a Agroecologia.

A Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) é um movimento que propõe a desconstrução das estruturas convencionais de produção e consumo, promovendo aproximação e interação de dentro e fora do campo, carregando potencialidades educativas e sociais que permitam enxergar além do alimento certificado como orgânico. Portanto, é um objeto bastante adequado para a Agroecologia, que se apresenta como uma ciência que fortalece de forma ativa as resistências do campesinato a partir de um projeto de uma sociedade diferente e, também, novos padrões de consumo.

A escolha pela CSA em Sorocaba é marcada pela especificidade dessa experiência em construir processos coerentes não apenas com as estratégias de construção de redes de abastecimento de alimentos que conectam a produção de alimentos com o consumo responsável nas cidades, mas com os princípios da Agroecologia. A hipótese central é que a CSA vai muito além de se constituir uma rede que interliga produção e consumo, mas que envolve processos educacionais, gerenciais e sobretudo construção de conhecimentos para uma sociedade mais sustentável.

A partir dessa descrição, este trabalho tem como objetivo estudar as estratégias de construção do conhecimento agroecológico que ocorrem por meio da Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) a partir do estudo de caso da CSA Sorocaba, localizado no estado de São Paulo. A sistematização, esteve concentrada nas estratégias e ferramentas que são utilizadas para o diálogo com a sociedade e para a construção do conhecimento agroecológico.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

Estudar as estratégias de construção do conhecimento agroecológico que ocorrem por meio da Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) a partir do caso da CSA Sorocaba, localizada no estado de São Paulo.

### **2.2 Objetivos específicos**

1. Investigar a história da CSA Sorocaba, identificando quais são os possíveis diálogos entre os princípios da CSA e os princípios agroecológicos.
2. Sistematizar as ações de construção do conhecimento agroecológico vivenciadas pela experiência, visando identificar as estratégias, assim como possíveis lacunas;
3. Analisar como ocorrem as relações entre cidade e campo a partir da CSA.

### 3. REVISÃO DA LITERATURA

#### 3.1 Agroecologia e princípios agroecológicos: breves apontamentos

Os paradigmas da Agroecologia ganharam força na década de 1970, a partir do movimento contracultural e ecológico das Agriculturas Alternativas (VAILATI, CARVALHO, 2021, p.63). A agricultura mundial passava por um processo marcante de transformação e industrialização, denominado como Revolução Verde, que se associa hoje em dia ao modelo hegemônico propagado pela chamada agricultura convencional e ao agronegócio (SERRA et al., 2016).

Deflagrado após a Segunda Guerra Mundial, o arranjo difundido globalmente por este modelo se caracterizava, dentre outras dimensões, pelo implemento de uma agricultura baseada no uso intensivo de agrotóxicos, maquinário pesado e fertilizantes sintéticos (SERRA et al., 2016). Um dos motes que sustentava a Revolução Verde era a erradicação da fome. Ao contrário do anunciado, o que se observa é a persistência da fome no Brasil e no mundo até os dias atuais mesmo em um contexto de “modernização” crescente das técnicas agropecuárias, apontando que não é necessário apenas a dimensão técnica mas também processos de construção da autonomia do ser humano (JESUS, OMMATI, 2017).

Barrera-Bassols (2008) denuncia que diante do processo de globalização difundido pela Revolução Verde, houve uma ameaça da perda da diversidade biocultural e consciência histórica, principalmente no campo e sobre seus sujeitos. Ao mesmo tempo, ainda que em condições de poder muito distintas, outras formas de praticar agricultura também seguiram em curso. A partir disso, houve a emergência do movimento das agriculturas alternativas, movimentos esses que foram essenciais para o amadurecimento de conceitos e práticas, tais como a caracterização da agroecologia (GONÇALVES, 2018). Segundo Brandenburg (2002, p.11):

“No Brasil, embora os modelos europeus inspirem formas alternativas de organização da produção, a agricultura

alternativa surge diante de contextos de uma política agrária excludente, motivada por organizações politicamente engajadas e visando à construção de uma sociedade democrática e com a perspectiva de transformação social”.

Burg (2005) define a ciência da Agroecologia como aquela que objetiva possibilitar caminhos sustentáveis para a transição dos modelos hegemônicos de produção, tendo como enfoque a conservação e manejo de agroecossistemas biodiversos. Para além de apenas propor práticas alternativas de produção, a agroecologia é movimento por sua constante construção, caracterizada pelo olhar complexo do todo, a busca pela valorização dos saberes e culturas populares, relações dignas e respeitadas e a construção de uma economia solidária (BURG, 2005).

Wezel *et al.* (2009), caracterizaram a Agroecologia como ciência, movimento e prática. Uma ciência desenvolvida com os povos, integrada aos movimentos sociais e às diversas lutas por igualdade social e vida digna. A agroecologia mantém-se em contínua construção de práticas adequadas e coerentes aos diferentes contextos, sendo construída a partir das dimensões econômica, social, ecológica, cultural, política e ética.

Siliprandi (2015) destaca a busca do equilíbrio entre o meio ambiente, relações justas de trabalho e o bem viver para todos os seres. Por meio do diálogo entre os povos, instituições de ensino e movimentos sociais, a Agroecologia traz consigo caminhos contra-hegemônicos fortalecendo ações práticas e políticas como resistência para a transformação das realidades (SOUSA, 2017). A autora se destaca como referência no tema de agroecologia e feminismos, reforçando a frase: “Sem feminismo não há agroecologia”. A Agroecologia caracteriza-se como ciência, movimento e prática conforme apontado por Wezel (2009), no Brasil, ela está se consolidando como um campo transdisciplinar do conhecimento.



### **3.2 A emergência da CSAs**

De forma geral, os agricultores e agricultoras familiares desenvolvem diversas estratégias para comercializar seus alimentos. Para garantir sua viabilidade econômica, optam por formas alternativas de comercialização, como feiras livres, cestas, entregas diretas ao consumidor e vendas em suas próprias propriedades. Essas iniciativas não apenas facilitam as transações comerciais, mas também promovem espaços de sociabilidade, educação alimentar e divulgação de informações sobre saúde e métodos de produção. A interação nesses espaços também fortalece os laços de solidariedade entre produtores e consumidores (BRANDENBURG, 2002).

Dentro das perspectivas agroecológicas, diversas ações são potencializadas para garantir a autonomia dos agricultores e agricultoras, dentre elas estratégias de armazenamento, distribuição, compra e venda de alimentos. Os circuitos curtos de comercialização são a via mais utilizada pelos agricultores, destacando-se as feiras livres, os mercados institucionais (Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)) e sistemas diversos de cestas (cestas semanais, quinzenais, com produtos fixos ou optativos), como é o caso das CSAs (DAROLT, ROVER, 2021).

Circuitos curtos de comercialização são sistemas de distribuição em que os produtos são vendidos diretamente dos produtores para os consumidores, reduzindo intermediários e a distância geográfica entre as partes. No contexto da agroecologia, esses circuitos são especialmente importantes, pois promovem práticas agrícolas sustentáveis, a justiça social e a valorização da produção local. De acordo com Altieri e Nicholls (2017), a agroecologia, ao adotar tais circuitos, contribui para a soberania alimentar e a preservação da biodiversidade, elementos essenciais para sistemas alimentares mais justos e sustentáveis.

Dentro deste contexto de disputas e construção de estratégias de fortalecimento da relações, surgem os organismos denominados como

Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA), em inglês Community Supported Agriculture (NETO, TORUNSKY, 2014). Impulsionados pela ação de colaboração mútua e relações de solidariedade entre agricultores e consumidores, que são chamados de coagricultores, com a CSA busca-se construir novas formas de interação, desconstruindo a lógica simplificada de produtor-consumidor, promovendo relações dignas com remuneração justa a partir de comercialização direta.

As CSAs convergem no desejo de construir novas estruturas socioeconômicas baseadas em mudanças nas formas de se produzir e de hábitos de consumo e alimentares, possibilitando a ressignificação das relações sociais, novas estruturas de decisão e relacionamento, descentralizadas, contextualizadas, horizontais e locais aproximando o consumidor do produtor (NETO, TORUNSKY, 2014).

Os primeiros movimentos associados ao que hoje se conhece por Comunidade que Sustenta a Agricultura aconteceram no Japão. Na década de 1960 o país se encontrava em um contexto de uso intenso de pesticidas devido à alta taxa de importação, impulsionado pela Revolução Verde. Para contornar esse cenário, um grupo de pessoas fechou parceria com um agricultor para cultivar alimentos de qualidade diretamente para elas (MELO *et al.*, 2020).

Essa ação deu origem ao termo Teikei, que se caracteriza como uma filosofia de vida que traz a cooperação como lema. Nesse sistema a comercialização direta é aprofundada a partir de uma relação de compartilhamento de responsabilidades e tarefas para garantir a produção. O Teikei foi sendo compartilhado pela Europa e adaptado aos contextos, em decorrência a esse processo surge o termo Community Supported Agriculture (CSA) (MELO *et al.*, 2020).

De forma ampla, a CSA é um modelo de comercialização que se propõe a construir novas formas de integração entre consumidor e agricultor. Esses princípios possibilitam uma melhor interação entre o campo e a cidade a partir

de ações conscientes e críticas. Segundo Reis da Silva e Dornelles (2020, pp 400)

“A CSA é uma “tecnologia social inovadora” voltada para a produção colaborativa da existência, visando à construção de um *ethos* social que se contraponha à lógica mercantilista do lucro a qualquer custo e do alimento como mercadoria.”

Torunsky (2019) defende que o surgimento da CSA vem de um momento histórico, no qual várias ações contribuíram para essa construção. Para o autor, a origem deste movimento não se deve somente a ação de um grupo ou a criação de um conceito, mas a uma onda de ações que se colocavam como contraponto ao modelo de agricultura industrial e ao sistema agroalimentar.

Atualmente o sistema CSA tem irradiação em todo o mundo, compartilhando a ideia de uma construção com bases sociais e ecológicas da alimentação saudável e de qualidade. Melo *et al.* (2020) destacam que CSA é um movimento global que conecta e ressignifica produção e consumo, envolvendo dedicação, respeito e comprometimento e novos tipos de circuitos curtos de comercialização.

Esse tipo de iniciativa tem sido descrito como ações de comercialização justa, a partir de alimentos saudáveis e de qualidade (JUNQUEIRA, MORETTI, 2018). Segundo a CSA BRASIL (2022):

“O conceito Comunidade que Sustenta a Agricultura(...) nos apresenta uma prática de sucesso para um desenvolvimento agrário sustentável e o escoamento de produtos orgânicos de uma forma direta ao consumidor, criando uma relação próxima entre quem produz e quem consome os produtos. ”

Os consumidores preferem se autodenominar como co-agricultores/as, pois possuem participação e responsabilidade compartilhada no processo de cultivar o alimento, ressignificando a relação consumidor-vendedor que outras formas de comercialização preveem. Os mesmos contribuem desde o planejamento, avaliando alimentos da época que são mais adaptados à região,

até o debate referente aos custos justos para ambas as partes. A CSA busca trabalhar a partir da transparência, desde os gastos com a comercialização e custos de produção (ALMEIDA, 2019).

As Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSAs) representam um novo arranjo de produção e consumo que não só gera economia, mas também melhora as relações de seus membros com o ambiente ao seu redor, promovendo a valorização dos produtos locais e aumentando a qualidade dos produtos, considerados seguros, saudáveis e com um forte apelo social (SOUZA JÚNIOR, JUNQUEIRA, 2020).

### **3.3 CSA Brasil**

No Brasil, a primeira experiência de grupo da CSA surgiu em 2011 na cidade de Botucatu, região centro do estado de São Paulo. Denominada como CSA Demétria, grupo que permanece ativo até hoje. Desde então, houve um aumento exponencial de CSAs em todo o território brasileiro, multiplicando experiências em vários estados. Esse mesmo período foi marcado por uma mobilização nacional organizada pela Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) para a elaboração da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Pnapo) (que foi instituída em agosto de 2012) e o Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (o primeiro plano nacional foi lançado para o triênio 2013-2015) (ZANON, 2021).

De acordo com o site oficial CSA Brasil, atualmente há 156 depósitos, pontos de partilha ou pontos de convivência; 93 organismos agrícolas e 34 CSAs em processo de criação. A CSA Brasil se capilariza em quase todos os estados brasileiros, porém a maioria das iniciativas se encontram nos seguintes estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, Distrito Federal, Pernambuco, Paraná, Santa Catarina e Amazonas (MELO et al., 2020).

A CSA BRASIL se define como uma organização sem fins lucrativos que surgiu com dois objetivos centrais (CSA BRASIL, 2023):

1º Fomentar a criação de CSA (Comunidades que Sustentam a Agricultura), projetos agrícolas baseados na comunidade, nos quais os agricultores ativos e agricultores passivos podem se orientar para garantir um futuro a empreendimentos da agricultura familiar.

2º Criar um vínculo vivo entre as diversas CSA do Brasil em forma de rede.

Melo *et al* (2020) realizou um levantamento do estado da arte sobre as pesquisas já realizadas sobre CSAs no Brasil. A autora destaca a importância da CSA como movimento que fortalece a agricultura familiar de forma complexa a partir dos seus territórios e na construção de novas relações. Apesar disso, a literatura ainda se faz limitada, concentrada nas condições técnico produtivas do sistema e pouco na dinâmica de organização. Sendo assim, se faz relevante a pesquisa sobre a natureza das relações e a construção do conhecimento das CSAs e seus contextos.

A CSA é organizada por vários princípios (Figura 1) (CSA BRASIL, 2024) que direcionam esses organismos a um modelo em comum, construindo assim relações de amizade, cooperação, gestão e aprendizagem compartilhada a partir do fortalecimento da economia local, diversificação do cultivo e a cultura do apreço (CSA BRASIL 2024). Em uma sociedade capitalista que visa o lucro, é um desafio mirar para além do preço e compreender a complexidade do valor dos alimentos. Nessa perspectiva, a CSA propõe o princípio da cultura do apreço, no qual preza pela importância de cada sujeito envolvido para a construção das dinâmicas comunitárias (SOARES, 2022).

Figura 1. Princípios da CSA Brasil



Fonte: CSA BRASIL (2024)

Além do apreço, outros princípios aparecem, tais como aprendizagem e ajuda mútua durante o trabalho, distribuição independente, o incentivo de alimentos da época - respeitando a sazonalidade dos cultivos - contando com a diversificação deles, assim como manter a escala apropriada e fortalecer a economia local a partir de uma gestão compartilhada gerando estabilidade no sistema. Tendo em vista esses princípios das CSA, podemos avaliar que todos eles possuem relações com os princípios agroecológicos, não somente na perspectiva produtiva da diversificação da produção, mas na própria ética para com as pessoas e com a natureza. Destaca-se ainda o fortalecimento das relações entre campo e cidade para o abastecimento e fortalecimento das economias locais.

No Distrito Federal, segundo estudo de caso realizado por Souza Junior e Junqueira (2020), existem mais de 32 CSAs estabelecidas em menos de cinco anos. Esse rápido crescimento pode ser atribuído ao perfil da população local, que possui alta renda per capita e elevado nível de escolaridade. Entretanto, o estudo mostra que é necessário realizar mais pesquisas, envolvendo um maior número de participantes, para um aprofundamento nessa temática, evidenciando a necessidade de aprofundar em diversas variáveis que os CSAs trazem em suas dinâmicas internas.

Essas comunidades não só impulsionam a economia local ao garantir um mercado constante para os produtos dos agricultores, mas também promovem uma maior resiliência econômica ao reduzir a dependência de redes de cadeias longas e atravessadores. As CSAs fortalecem a noção de pertencimento entre os membros. A participação ativa na co-gestão e no financiamento antecipado dos alimentos cria um senso de comunidade e responsabilidade compartilhada (VASQUEZ, 2017).

### **3.4 CSA no Brasil e as possibilidades de construção de conhecimento em Agroecologia**

Como citado anteriormente, a agroecologia e a CSA possuem diversos cruzamentos ao longo da história. Uma CSA pode ser agroecológica, mas a agroecologia não está definida como um princípio básico das Comunidades. Segundo o site da CSA Brasil, é um princípio seguir bases “sustentáveis” de produção, podendo ser apenas orgânica, biodinâmica e outras agriculturas alternativas.

Ecker (2016) fez uma síntese sobre como a CSA contrapõe o modelo convencional de agricultura e discute sobre outras formas de consumo. A autora demonstra que a CSA conflui para mudanças de hábitos alimentares em prol de uma dieta mais saudável e alimentação feita em casa, ao mesmo tempo que apresenta a correlação direta com o aumento do interesse por questões ambientais, tanto dos coagricultores quanto dos próprios agricultores (ECKER, 2016). Sendo assim, para ela, as CSAs são espaços potenciais para a construção de conhecimento e desenvolvimento de novos hábitos, podendo potencializar processos dialógicos entre os sujeitos envolvidos.

As comunidades impulsionam a economia local ao formar um mercado constante para os produtos dos agricultores, mas também promovem uma maior resiliência econômica ao reduzir a dependência de redes de cadeias longas e atravessadores. As CSAs fortalecem a noção de pertencimento entre os membros. A participação ativa na cogestão e no financiamento antecipado

dos alimentos cria um senso de comunidade e responsabilidade compartilhada (VASQUEZ, 2017).

A Associação de Produtores Agroecológicos do Alto São Bartolomeu (APROSPERA), localizada no Distrito Federal, formou, em um ano, oito Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSAs), todas de base agroecológica na região. Segundo Silva (2018), o associativismo de base agroecológica contribui significativamente para a saúde das famílias envolvidas, melhora seus sistemas produtivos, amplia o acesso a novos mercados e oferece a possibilidade de aumento de renda. Além disso, promove a construção de relações de confiança e reciprocidade entre os agricultores e seus coagricultores. Essas CSAs são exemplos de como esse modelo pode ser uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento rural sustentável. Ao reunir agricultores em torno de práticas agroecológicas, a APROSPERA não só fortalece a produção local, mas também dialoga com a agroecologia a partir do alimento saudável e de qualidade.

Para definir a Construção do Conhecimento Agroecológico (CCA) a Associação Brasileira de Agroecologia (ABA) descreve como processos de produção e disseminação coletiva de novos conhecimentos a partir dos agroecossistemas e dos seres que interagem ali, mobilizando a partir de profissionais de distintas áreas, movimentos sociais e povos dos campos, das águas e das florestas (ABA, 2024), destacando:

Falamos, portanto, de uma ciência interdisciplinar e transdisciplinar que deve ser pensada a partir da complexidade, com olhar holístico, que visa compreender para além das particularidades, interações e processos, considerando diferentes cosmovisões, sujeitos, territórios e territorialidades.

A participação dos atores é uma das premissas para a construção do conhecimento agroecológico, onde cada pessoa é protagonista no processo que está inserido, construindo a partir do diálogo de saberes. Segundo Cotrim (2016), a CCA é feita a partir de métodos participativos, trazendo a reconexão



de elementos tradicionais em novos patamares, potencializando os princípios agroecológicos. Neste sentido, pode-se afirmar também que os princípios da CSA dialogam com o caráter polissêmico da Agroecologia, como afirmado antes.

## **4. METODOLOGIA**

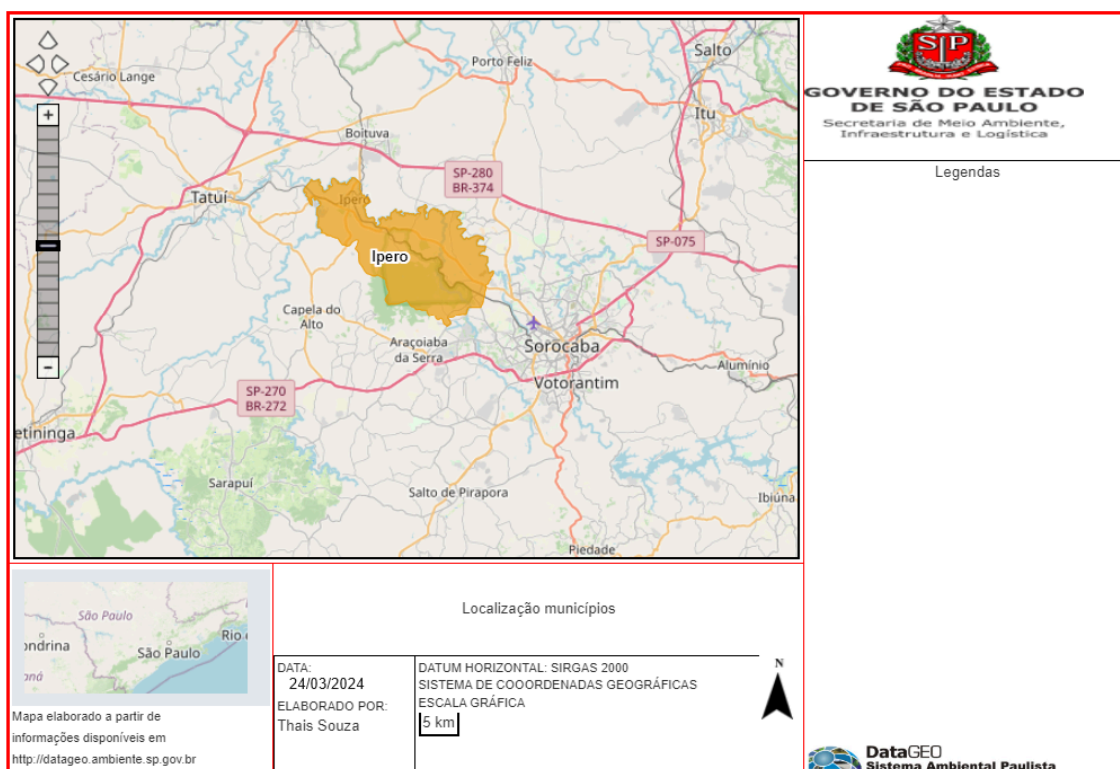
### **4.1. Área de Estudo**

A pesquisa foi desenvolvida a partir do estudo de caso da Comunidade que sustenta a agricultura (CSA) do município de Sorocaba, São Paulo. Para selecionar a experiência, alguns parâmetros foram utilizados tais como: autodescrição como uma experiência agroecológica, histórico de atuação no município, utilização de ferramentas e metodologias de construção do conhecimento agroecológico para interação com a sociedade e facilidade de diálogo com o grupo. A CSA Sorocaba possui uma sede que serve como ponto de encontro tanto para entrega das cestas como espaço de reuniões, eventos e celebração do grupo.

O município de Sorocaba está localizado no Sudeste Paulista, caracterizado como Macro Metropolitana Paulista. Sua área total é de 449,872 km<sup>2</sup>, com uma população estimada de 695.328 pessoas, com o Bioma predominante da Mata Atlântica (IBGE, 2021). Apesar do município ter pouco apoio para a Agricultura familiar, a região possui acúmulo histórico a partir do movimento agroecológico, sendo uma referência no estado com atores diversos na construção de mercados solidários, pesquisas e sensibilização da população (GONÇALVES, 2013).

A CSA Sorocaba é composta por apenas uma família como agricultora, que especificamente não reside no mesmo município, mas no município vizinho de Iperó (Figura 2). A CSA Sorocaba recebe os alimentos a partir do sítio Mãe Terra, que possui uma estrutura familiar de um casal de idosos e o lote também contém mais uma casa no quintal onde reside o filho e esposa do casal, que atualmente não contribuem com as atividades desenvolvidas no campo pois trabalham na cidade de Iperó.

Figura 2. Mapa do Município de Iperó e região.



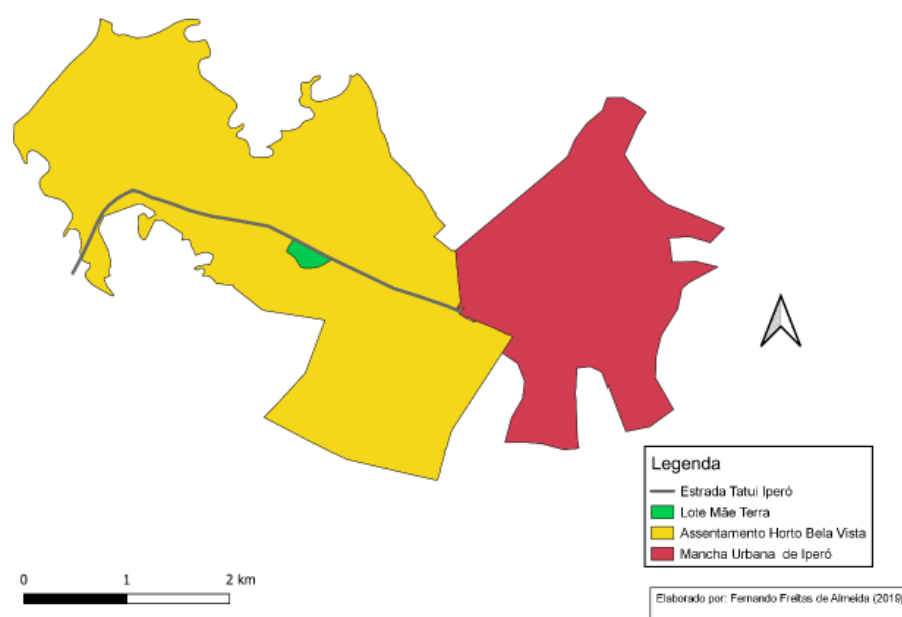
Fonte: DATAGEO, adaptado pela autora (2024)

O Sítio Mãe Terra, ao longo dos anos buscou diversas formas de comercialização a partir dos municípios vizinhos, porém, por questões estruturais como local de retirada, número de coagricultores e apoio de parceiros, conseguiu estabelecer de forma mais concreta a comercialização a partir de duas CSAs: CSA Coração, no município de Boituva, e a CSA Sorocaba. Este trabalho irá focar na experiência da CSA Sorocaba pelo fato de estar melhor estruturada e ser mais significativa historicamente e financeiramente para a família.

O sítio é um lote de assentamento da reforma agrária, organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), pertencente ao assentamento Horto Bela Vista, localizado no município de Iperó (Figura 03). O assentamento foi conquistado em 1998, após um intenso histórico de lutas nos acampamentos e reintegração. O assentamento possui uma área total de 887,8 ha, distribuído em 31 lotes. O sítio Mãe Terra possui cerca de 7 hectares,

sendo 4 utilizado como área produtiva, e desfruta de uma localização privilegiada, com fácil acesso, devido à sua proximidade com uma avenida e ao rápido acesso ao centro urbano, o que facilita o transporte dos alimentos e promove um contato direto com a população da cidade (BARROS, 2020).

Figura 3. Mapa do Lote Sítio Mãe Terra



Fonte: Almeida (2019).

O Sítio é organizado a partir das perspectivas agroecológicas e biodinâmicas, tendo certificação orgânica e Deméter. Referente a sua produção, Almeida (2019, pg.119) destaca que o organismo agrícola se organiza a partir de duas principais técnicas, que são a produção por sistemas agroflorestais e os plantios consorciados. Para garantir uma maior diversidade de alimentos para a CSA são plantadas culturas anuais como, por exemplo, algumas variedades de feijão, porém também há o esforço da diversificação das frutas e hortaliças.

#### 4.2. Materiais e métodos

A pesquisa está ancorada em diferentes abordagens metodológicas que integram a análise de dados qualitativos tendo como base a pesquisa participativa. A intencionalidade por caminhos dialéticos para a construção científica vai ao encontro da preocupação em construir diálogos horizontais e valorização dos mais diversos saberes, tendo como estrutura de pesquisa as perspectivas agroecológicas.

Destaca-se também, uma condução baseada na pedagogia acumulada pelas redes de agroecologia (SILVA, 2020), na qual as experiências são evidenciadas para a construção do conhecimento, onde o trabalho camponês é considerado princípio educativo, pois possibilita e atua na constante construção do conhecimento e própria construção da agroecologia nas dinâmicas sociais e territórios.

A amostra se deu a partir do perfil de participantes da organicidade da CSA Sorocaba. Utilizando-se como critério o diálogo com os sujeitos e sujeitas que estão construindo diretamente a experiência, as entrevistas e grupos focais tiveram dois grupos: coagricultores e agricultoras. Atualmente, a CSA Sorocaba é constituída por 1 casal de agricultores e 22 coagricultores. Apenas um grupo de 8 coagricultores desenvolvem atividades como voluntários e possuem papéis definidos dentro da organização.

Coagricultores e agricultores possuem características específicas que fez com que a metodologia fosse adaptada para cada grupo, tais como local da entrevista e linguagem, para horizontalizar e dar acesso ao diálogo e permitir que a compreensão da pesquisa fosse igualitária para ambos. As atividades com os agricultores foram todas realizadas no próprio Sítio Mãe Terra, adaptando os horários e tempos que tinham de disponibilidade, devido aos horários de trabalho na roça. Já o diálogo com os coagricultores foi realizado via WhatsApp e na sede da CSA Sorocaba, às segundas-feiras, que é o dia de entrega da cesta semanal.

Traçando uma retrospectiva histórica, a primeira etapa do Projeto foi o embasamento teórico, trazendo a contextualização e ponto histórico da CSA

como um movimento que possui seus princípios e direcionamentos. A segunda etapa foi de análise de materiais já produzidos acerca da experiência a partir do contato inicial com a CSA Sorocaba, a partir de literatura e referências bibliográficas.

Na terceira etapa, foi feito um Rio do Tempo, metodologia sistematizada por Biazoti et al (2017), utilizada para a construção coletiva da memória, apontando os principais marcos temporais e caracterização técnica da CSA Sorocaba. Essa metodologia foi realizada no sítio, com o casal de agricultores, por meio da visita ao sítio na semana de 24 a 29 de março de 2024. A pesquisadora acompanhou a rotina do casal para entender melhor a dinâmica do trabalho e da família. Ao longo da pesquisa algumas informações foram sendo adicionadas a partir dos grupos focais. Além disso, o levantamento histórico foi feito para compreender a organização e composição da Comunidade pesquisada.

A quarta etapa foi executada a partir da metodologia dos grupos focais (RESSEL et al, 2005), por permitir trabalhar a partir das singularidades, descentralizando os espaços de fala como espaço de poder. Nesse momento a intenção foi compreender por meio dos grupos dentro da CSA, onde e de que forma a agroecologia está presente na CSA em questão, se relacionando diretamente com as percepções individuais acerca do próprio conceito de agroecologia, bem como o levantamento das ações realizadas pela CSA.

A CSA Sorocaba possui uma organização interna que contempla os agricultores e os coagricultores dentro do processo de planejamento, execução e tomada de decisões, metodologia comum entre os grupos de CSAs. Os GTs são: coração, comunicação, diálogo campo-cidade e entrega. Os grupos focais foram realizados com essas pessoas, durante todo o mês de março de 2024, às segunda feiras, durante a retirada das cestas, foram feitos também diálogos por meio de círculos de cultura (LOUREIRO, FRANCO, 2012). As entrevistas foram realizadas na sede da CSA, onde o material foi sistematizado coletivamente a partir de perguntas chaves. Ao longo da conversa o grupo tinha a possibilidade de trazer novas reflexões e questionamentos. Esse

processo foi importante para compreender as limitações e avanços da construção do conhecimento agroecológico e o coletivo ressaltou que eles possuem poucos espaços avaliativos, portanto, foi um acúmulo importante para possíveis desdobramentos na dinâmica de trabalho.

Todas as etapas anteriores contribuíram como base para identificar os principais processos de diálogo e construção do conhecimento agroecológico que ocorrem dentro desses espaços da CSA. Ao longo de toda a pesquisa, foram investigadas as ferramentas para aproximar os consumidores (coagricultores) e agricultores para sensibilizar por meio das perspectivas agroecológicas.

Cabe destacar que a metodologia foi validada junto aos agricultores, para ter coerência com os processos locais, acolhendo as especificidades do contexto. Um pedido específico foi que alguns estudantes que estavam fazendo vivência no sítio, pudessem participar das metodologias como observadores. Os encontros foram sistematizados de forma coletiva, a partir dos entrevistados e com auxílio da pesquisadora, utilizando-se de tarjetas e um caderno de campo. A sistematização foi apresentada aos participantes para validação das informações, como forma de conferência dos dados. Esse material ficará restrito ao uso da pesquisa, prezando pela segurança e cuidados dos participantes.

A etapa 5, de sistematização da experiência, foi construída diretamente com os agricultores, compreendendo quais seriam os principais produtos que os mesmos tinham interesse a partir da pesquisa, que poderia servir tanto como processo pedagógico, quanto como ferramenta de análise para a CSA. A principal demanda foi o levantamento de artigos e pesquisas já realizados no sítio, para que os agricultores tivessem isso de fácil acesso.

#### **4.3. Organização do Conteúdo**

Para contribuir com o entendimento dos resultados e discussão do presente trabalho, o conteúdo foi subdividido em quatro partes.

A primeira seção, denominada como **Rio do Tempo: o cruzamento das histórias**, traz os resultados referentes à Metodologia “Rio do Tempo”, na qual conta os cruzamentos das histórias de vida dos agricultores, história do Sítio Mãe Terra e história da CSA Sorocaba.

Na segunda seção, **CSA Sorocaba: aspectos organizativos e relações institucionais**, é apresentado de forma descritiva como funciona a estrutura de organização e dinâmicas de convivência da experiência estudada.

Como terceira seção, **A experiência da CSA Sorocaba: princípios e comunicação**, é dialogada como a agroecologia está presente nessa CSA e quais são as características e estratégias que a diferenciam de outras CSAs.

Por fim, **Onde estão ancorados nossos sonhos?** É uma seção que apresenta quais são os planejamentos que a CSA Sorocaba faz para continuar fortalecendo e construindo a agroecologia em seus espaços de atuação.



## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 5.1. Rio do Tempo: o cruzamento das histórias

A CSA Sorocaba foi fundada em 2016, por meio de articulações e mobilização do movimento agroecológico da região, consolidando-se ao longo dos anos como uma referência nacional devido à sua experiência. Atualmente é composta por 22 coagricultores que apoiam uma família, do Sítio Mãe Terra, composta por um casal de agricultores.

O Sítio Mãe Terra está localizado no Assentamento Horto Bela Vista, em Iperó- SP. Um lote de assentamentos que têm sua organização a partir do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A produção agroecológica e biodinâmica é a base do trabalho dentro do sítio, destacando-se a produção por sistemas agroflorestais, os plantios consorciados e a produção de mudas e sementes.

Foi construída uma linha do tempo da CSA Sorocaba, tendo cruzamentos com a história do Sítio, a história de vida dos agricultores e o memorial dos indivíduos. Uma linha do tempo denominada como “Rio do tempo”, inspirada pela metodologia sistematizada por Biazoti (2017), descrevendo os pontos mais marcantes na história da CSA até os dias de hoje. Essa metodologia foi utilizada pois possibilita construir a história a partir da memória coletiva, de forma interativa, cruzando informações de impacto no contexto do cenário político/social, como por exemplo acesso à políticas públicas (Figura 04).

]

Figura 4. Rio do Tempo da CSA Sorocaba.



Fonte: Ilustração realizada pelo artista @rito.caracol (2024).



A CSA Sorocaba é uma iniciativa que integra uma série de ações surgidas na região na última década, destacando-se como um dos marcos na rede Sorocabana de agroecologia. Sua formação resultou de uma sequência de esforços de articulação e mobilização de importantes parceiros, tais como o SESC Sorocaba, o Núcleo de Agroecologia Apêê Caapuã da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) Campus Sorocaba, e associações de agricultores familiares dos municípios de Sorocaba, Iperó e Boituva.

O Rio do Tempo da CSA Sorocaba possui diversos afluentes, dentre esses, se encontram os rios da vida dos agricultores que compõem o núcleo familiar. A história da vida de cada um deles foi importante para traçar os caminhos que fortalecem a história da CSA Sorocaba. Os dois agricultores possuem histórico de saída do contexto urbano a partir da luta por acesso à terra e por trabalho digno. Em uma de suas falas o agricultor destaca:

“A ideia era não passar fome e não ser explorado por patrão. A luta pela terra apareceu como uma oportunidade da gente parar de trabalhar pros outros e ser tão explorado. Eu participei das lutas sindicais e foi a partir delas que eu conheci a luta pela terra e entendi que eu era sem terra também”.

O casal participa desde os anos 1980, ativamente das atividades do MST a nível regional, estadual e nacional, contribuindo diretamente com atividades, marchas, eventos e acampamentos. Ambos vivenciaram, em contextos diferentes, os impactos do uso desenfreado dos agrotóxicos na vida deles e de seus familiares, e por esse motivo buscaram outras formas de produção mais coerentes. Durante a entrevista, a agricultora destacou:

A partir da Campanha da Fraternidade, campanha da Igreja católica com viés da Teologia da Libertação, eu pude entender que a terra é nossa mãe, com frases como: “ Verde é nosso”, “Semente é vida” e “O verde é nosso vamos preservar”. Isso me veio a ideia que o pão da vida não pode estar contaminado. Quando eu chego em Iperó, meu primeiro princípio é que meu sítio não ia entrar veneno.

O processo de ocupação do assentamento teve início em 1997, após o MST se posicionar em resposta ao massacre de Eldorado dos Carajás, expandindo suas ocupações por todo o país. A ocupação inicial para reivindicar a área começou com 85 famílias, porém, devido à repressão policial, algumas famílias se retiraram, mas ao mesmo tempo novas famílias, especialmente de Iperó, se juntaram ao movimento (Almeida, 2019).

Após muita luta no acampamento, em 1998 o assentamento foi homologado e foi feita a divisão dos lotes. Desde o começo o casal levou em consideração técnicas da agricultura orgânica, porém, ressaltam que sentiam necessidade de mais conhecimento, pois comprar insumos/ fertilizantes e pagar por assistência técnica estava fora da realidade financeira da família. Desde a chegada no lote, optou-se por buscar possibilidades de aperfeiçoar a produção.

Nos anos 2000, o casal participou de um curso promovido pela Associação Brasileira de Biodinâmica (ABD) denominado como “Curso Fundamental de Biodinâmica”, onde puderam conhecer as bases da biodinâmica e começaram a implementar dentro do sítio. Devido aos custos da certificação orgânica, em 2003 eles fundaram, juntamente a outros agricultores vizinhos, a Associação José Guilherme Stecca Duarte dos Produtores Agroecológicos e Biodinâmicos da Reforma Agrária da Região Sorocabana (APROBIO). Nesse mesmo ano eles foram certificados como orgânicos por auditoria pelo IBD a partir da Associação. Essa foi uma importante ação para os agricultores, mas a maioria não conseguiu se manter devido à falta de investimentos e políticas públicas de incentivo.

Em 2013, o Sítio foi certificado como orgânico pela Organização de Controle Social (OCS), representada pelas OCSs "Unidos Venceremos" e "Terra Nossa". Por meio de um relato de experiência publicado pela própria família, foram avaliados os principais benefícios obtidos com essa certificação, enfatizando os aspectos sociais, econômicos e ecológicos. No aspecto ecológico, destacou-se a eliminação da aplicação de agrotóxicos, a adoção de técnicas alternativas para manejo do solo e o estímulo à expansão das

unidades produtivas agroecológicas. Em termos econômicos, observou-se uma correlação direta entre práticas ecológicas e avanços significativos, como a redução da dependência de insumos externos e o aumento da fertilidade do solo, contribuindo assim para a melhoria da produtividade e qualidade dos cultivos. Já os avanços sociais, destaca-se o intercâmbio e o diálogo de saberes entre os agricultores, o maior envolvimento da juventude e das mulheres e a contribuição para a segurança e soberania alimentar das próprias famílias envolvidas (SANTOS et al, 2015)

O Sítio Mãe Terra seguiu realizando ações em diálogo com a Associação Brasileira de Agricultura Biodinâmica (ABD), participando de eventos, conferências, seminários e feiras (Figura 05). Em 2018 recebeu a certificação Demeter, a partir do Sistema de Participação Garantida (SPG) da Associação Biodinâmica (ABD) e é reconhecido como o primeiro lote de reforma agrária que foi certificado como Biodinâmico no Brasil, reconhecimento que é muito importante para a família, a agricultora destaca:

A Agroecologia é muito importante pra gente, mas a biodinâmica faz um complemento com seus estudos e práticas. O sítio era tão diferente que eu precisava da ciência para entender, hoje eu vejo que é uma honra ser a primeira família assentada com selo Biodinâmico, a gente precisa reconhecer esse nosso esforço.

Figura 5. Agricultor preparando preparado biodinâmico.



Fonte: Vic Starck (2023).

A experimentação, a pesquisa e o próprio diálogo com a ciência, são processos contínuos dentro do lote. A militância dentro do MST e o interesse em trabalhar com Agroecologia possibilitou que o casal em 2009 ingressasse no curso de Agronomia com ênfase em agroecologia na UFSCar, realizado pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), no Campus de Sorocaba. Segundo Buquera et al (2017, pg 47)

“A partir da proposta de pedagogia de alternância realizada no curso do Pronera, foi possível uma grande troca de saberes dos estudantes que eram assentados da reforma agrária do estado de São Paulo, de diferentes regiões, biomas e faixas etárias com os estudantes dos cursos regulares, pois foram realizadas atividades tanto no campus de Sorocaba como nos assentamentos.”

Com o PRONERA e a articulação com os cursos de graduação de Biologia e Engenharia Florestal da Universidade, foi criado o Núcleo de

Estudos em Agroecologia Apetê Caapuã (NAAC), que durante a graduação a agricultora foi bolsista a partir do Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões. As atividades de pesquisa foram impulsionadas a partir do PRONERA, fazendo com que os processos de experimentação agroecológica fossem uma ação recorrente dentro da dinâmica de trabalho do lote. Além disso, a UFSCar a partir do NAAC se tornou um forte parceiro para o sítio e mantém atividades contínuas de fortalecimento da agroecologia até os dias de hoje como intercâmbios com os alunos da graduação, mutirões, eventos culturais e cursos de curta, média e longa duração.

Em 2015, o SESC Sorocaba promoveu uma Palestra sobre Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA) e ao finalizar a atividade os participantes decidiram ter como encaminhamento a criação da CSA Sorocaba, concebendo a criação em 2016. Os parceiros foram essenciais para o fortalecimento e constituição da experiência, articulando coagricultores da região, dialogando com famílias interessadas e organizando debates sobre o tema na cidade. Pensando no Rio do Tempo, esse foi um momento de cheia, com mata ciliar repleta de parceiros cuidando desse rio, tais como NAAC, SESC, APROBIO e ABD (Figura 06). Nessa época, além da CSA, o sítio Mãe Terra também iniciou sua parceria com a ONG Terra Viva, também eram utilizados as Feiras livres e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) como canais de escoamento da produção dos alimentos.



Figura 6. Reunião entre parceiros no barracão do assentamento.



Fonte: arquivo pessoal (2024).

Com a CSA, o sítio pode experienciar atividades diversas de integração com os coagricultores e com a população das cidades vizinhas, atividades como dias de campo, dias de visita com escolas e atividades culturais, processos educacionais e sobretudo construção de conhecimentos para uma sociedade mais sustentável. Segundo relatos, uma das atividades que mais marcou foi uma festa junina realizada em 2018, que reuniu diversos parceiros e amigos para celebrar a fartura da colheita, lembrando uma festa muito significativa na história de vida de ambos.

O sítio Mãe Terra se tornou um espaço de afetividades, encontros e celebrações. Para a família, essas possibilidades de trocas são essenciais para a construção de novas concepções de produção e consumo coerentes a partir das perspectivas agroecológicas, pois assim a agroecologia é construída

diariamente por muitas mentes, corações e mãos. Almeida (2019, pg 115), destaca sobre o Sítio Mãe Terra:

“...o lote pontua para além de um lugar de produção camponesa de alimentos, como centro comunitário, local para reuniões e organização da vida no assentamento, como referência e como possibilidade, como espaço de esperança.”

Porém, também foram enfrentados momentos de diminuição do Rio, como por exemplo, destaca-se o período da pandemia do COVID-19, durante o governo Bolsonaro. De 2020 a 2021 houve uma mudança significativa no fluxo de funcionamento da CSA, com mudança do perfil dos coagricultores e mudança na dinâmica de interações do grupo, ainda perceptíveis hoje em dia. Como por exemplo, após a pandemia houve uma diminuição drástica dos dias de campo e assembleias presenciais, apesar do constante esforço em aproximar e dialogar pelas bandeiras de luta da agroecologia.

Outro momento marcante destacado pelos agricultores foi o ano de 2017, no qual a CSA alcançou o maior número de coagricultores, com um total de 61 coagricultores. O número hoje é bem menor, com 22 coagricultores, e o casal reforça que não aumentar coagricultores faz com que a diversidade de alimentos não possa ser aumentada também, pois isso impede a melhora nos investimentos e acesso a tecnologias contextualizadas, requerendo consequentemente maior mão de obra.

O grupo Coração em diálogo com a família, identificou esse desafio na produção de alimentos e buscou superá-lo por meio da seleção dos melhores equipamentos para facilitar as práticas agroecológicas no lote. Com isso, foi organizada uma compra coletiva de um microtrator para o sítio por meio de uma vaquinha entre os coagricultores da CSA. Esta iniciativa foi crucial para otimizar o desenvolvimento e a produtividade nos plantios. Além disso, a família enfatiza que os princípios de ajuda mútua foram fundamentais e que as relações de amizade foram fortalecidas por meio dessa ação solidária.

## **5.2. CSA Sorocaba: aspectos organizativos e relações institucionais**

A CSA Sorocaba se organiza a partir de grupos de trabalho (GTs) onde voluntários contribuem para garantir a organicidade do organismo. Os GTs são: coração, comunicação, diálogo campo-cidade e entrega. Essa metodologia faz com que os coagricultores acompanhem de forma ativa o processo de cultivar os alimentos, podendo contribuir com o coletivo conforme sua aptidão pessoal, participando como consultor, como divulgador, articulador, ou com atividades presenciais.

O GT Coração é responsável pelo cuidado e gestão geral do grupo, contempla todos os voluntários e os agricultores. O grupo de comunicação é responsável pelas redes sociais e pela interlocução com os coagricultores. O GT diálogo campo-cidade realiza a comunicação semanal de coagricultores com os agricultores, entendendo as demandas e prestando as informações necessárias. E por fim, o grupo de entrega é responsável pelo cuidado com o dia de entrega, que é às segundas-feiras, recebendo os alimentos na sede da CSA, organizando as cotas, entre outras atividades.

Cada coagricultor paga mensalmente por uma quota no valor de R\$200,00, e recebem por isso semanalmente cestas de alimentos com 09 itens cada, compostas por 2 tipos de folhosas, 2 tipos de frutas, 1 tipo de legumes, 2 tipos de raízes, 1 tipo de tempero e 1 tipo de erva aromática (Figura 07). Como exemplo de composição em novembro de 2023 os alimentos disponíveis foram: alface, alfava, alho poró, banana, berinjela, capuchinha, cenoura, cheiro verde, chicória, coentro, couve, espinafre, limão, mandioca, manga haden, manga tommy, melissa, pimenta cambuci, quiabo, rúcula e tomate, respeitando a sazonalidade e aproveitando os alimentos que estão em maior abundância, ressaltando que a composição da cesta é variável a cada semana.

Figura 7. Cota semanal da CSA SOROCABA.



Fonte: Vic Starck (2023).

Segundo o próprio site da CSA Sorocaba (CSA SOROCABA, 2024), uma característica própria desta experiência é o estímulo e diálogo sobre o consumo de plantas alimentícias não convencionais, as PANCs. Além disso, os coagricultores são estimulados a consumirem produtos da época disponíveis conforme a estação do ano e aqueles que se encontram disponíveis em razão das estratégias possíveis dos produtores (Figura 08).

Dellai (2020) observou em sua pesquisa que a transição agroecológica nos municípios de Iperó, Araçoiaba da Serra e Sorocaba contém uma participação forte dos idosos, proporcionando espaços de interação, troca de saberes, acesso aos mercados por meio da organização coletiva e a sociabilidade com outros atores da rede, sendo uma característica expressiva da região. A questão geracional se mostra muito forte na dinâmica da família, pois é um casal de idosos que sozinhos cuidam de um lote. O agricultor relata: “A nossa idade não permite esforços físicos, a gente não aguenta a dinâmica direta da roça. Não queremos algo que nos escravize”.

Figura 8. Agricultora montando a Cesta semanal



Fonte: Vic Starck (2023).

A família enfatiza sua aptidão produtiva em relação às culturas anuais, como arroz, feijão e milho, e relataram interesse em investir na produção de sementes para adubação verde. Eles reconhecem que o cultivo de hortaliças demanda um esforço físico, dedicação e mão de obra que excedem os recursos disponíveis. Além disso, ao abordar a diversidade de alimentos, os agricultores destacam as dificuldades enfrentadas devido a duas variáveis específicas: acesso a tecnologias contextualizadas e enfrentamento das consequências da crise climática.

A região sofre constantemente com a ação de ventos fortes, períodos de seca e geadas, fatores que afetam diretamente a qualidade e a quantidade dos alimentos cultivados. Mas para os agricultores esses eventos têm se tornado mais constantes e extremos, como no ano de 2021 que após baixas temperaturas, a geada queimou toda a plantação, desde hortaliças até culturas perenes. Por outro lado, eles observaram que as frutas representam a maior limitação para a entrega na CSA, uma vez que sua produção depende de diversidade e volume, sendo também muito sazonal.

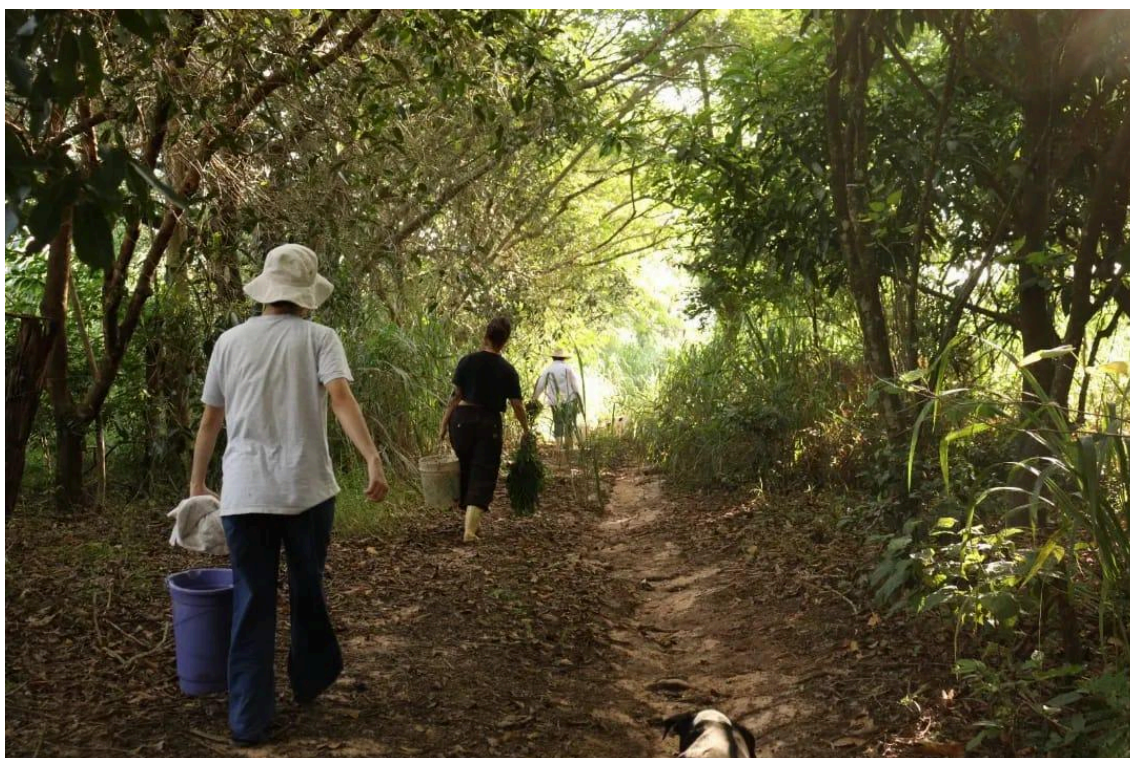
Uma ação que tem fortalecido cada vez mais o organismo agrícola são as interações com escolas, universidades e institutos federais. Visitas, mutirões, dias de campo, estágios e projetos de pesquisa possibilitam que um fluxo de pessoas e conhecimentos sejam movimentados e alimentados constantemente no sítio (Figura 09). Isso faz com que mais conhecimento seja construído coletivamente, compreendendo o trabalho também como processo pedagógico.

Os dias de mutirão, visitas e dias de campo sempre são organizados pensados a partir do diálogo de saberes e valorização da cultura. Seguindo os princípios da educação do campo e do próprio MST. As atividades são iniciadas com música e apresentação de todos os participantes para garantir o reconhecimento dos sujeitos. Os trabalhos são divididos em grupos para que toda atividade desenvolvida possa proporcionar momentos de reflexão, onde

cada pessoa se torna educador e educando, trocando conhecimentos referentes às perspectivas agroecológicas. O casal por possuir muito acúmulo, conduz de forma rotacional os grupos, realizando um pouco de cada atividade dentro do lote, como exemplo de atividades práticas são feitos manejo de SAF, produção de bioinsumos, implantação de hortas, entre outras.

O casal reforça o alimento como ponto focal para o diálogo da agroecologia, sendo assim, todas as atividades são feitas permeadas por alimentação de qualidade oriunda do próprio sítio, tendo também momentos de produção coletiva desses alimentos. Não menos importante, a celebração da cultura costura todos os eventos, durante os mutirões é comum que cantorias sejam puxadas ao longo dos plantios, além disso, há espaços para compartilhar as percepções do dia a partir de fotos, vídeos e poemas.

Figura 9. Estagiários contribuindo com as atividades diárias do lote.



Fonte: Vic Starck (2023).

Há um fluxo constante de estudantes universitários, mestrandos e doutorandos que passam por períodos vivenciando a experiência agroecológica do Sítio Mãe Terra. Muito conhecimento já foi sistematizado a partir dessas vivências. Ao pesquisar “agroecologia Horto Bela Vista” na plataforma do google acadêmico, foi possível localizar 28 trabalhos que foram realizados diretamente com a família e com o sítio, sendo eles interdisciplinares, encontrando-se em áreas diversas como pedagogia, agrárias, geologia e ciências sociais. A agricultora destaca a importância desses trabalhos:

Todos os estudantes que passam aqui sempre trazem muita alegria pro nosso sítio. Os trabalhos de pesquisa, como TCC e dissertação, ajudam e fortalecem nosso trabalho. Eu quero que a ciência possa contar a agroecologia que a gente faz aqui dentro.

O casal se destaca também pelo notável potencial como pesquisadores e experimentadores, dentre os trabalhos levantados, 4 foram escritos por eles. Com uma sólida bagagem de experiência, ambos já participaram de diversos congressos, conferências e palestras, onde compartilham seus conhecimentos e descobertas no campo da agroecologia. Além disso, suas contribuições não se limitam apenas a eventos acadêmicos, uma vez que também têm deixado sua marca por meio de publicações em revistas, ampliando assim o alcance e o impacto de suas pesquisas, disputando narrativas também dentro da comunidade científica. Os trabalhos de conclusão de curso do casal possuem título de “A transição agroecológica e a certificação participativa em organizações de controle social nos municípios de Iperó e Itapetininga - São Paulo” e “Avaliação da sustentabilidade de agroecossistemas na (OCS) organização de controle social Terra Nossa no Assentamento Ipanema, município de Iperó, SP.”

A pesquisadora Prestes (2020) realizou uma pesquisa de Análise de Conteúdo (AC) de teses e dissertações de pesquisas na região Sorocabana avaliando todos os trabalhos que tiveram como público-alvo a população rural dos assentamentos de reforma agrária do município de Iperó. A autora destaca algumas lacunas a serem aprofundadas em pesquisas:



- a) como retomar e fortalecer o espírito de coletividade nos assentamentos com vistas a superação dos problemas comuns na realidade das famílias;
- b) como estimular a permanência dos jovens no campo;
- c) Como apresentar a agroecologia para as famílias e quais as abordagens para a “extensão agroecológica”, necessárias para garantir a transição agroecológica nos assentamentos;
- d) como aperfeiçoar as técnicas produtivas com menor dependência de recursos não renováveis em consonância com o bem-estar humano e animal;
- e) como garantir renda e meios para os agricultores familiares permanecerem no campo;
- f) como promover a conscientização e educação ambiental dos indivíduos, a partir da realidade dos assentamentos;
- g) como abordar a conscientização dos consumidores e sensibilizá-los para as questões envolvidas nas relações de produção e consumo.

É interessante observar que a UFSCar se destacou como a principal instituição na organização dessas pesquisas. Essa pesquisa reforça a importância do presente trabalho e demonstra o grande fluxo de produção científica na região (PRESTES, 2020).

### **5.3. A experiência da CSA Sorocaba: princípios e comunicação**

Ao pesquisar no site oficial da CSA Brasil podemos observar em sua aba principal os “princípios” que fundamentam e estruturam as CSAs em qualquer lugar do mundo. Importante observar que nenhum desses princípios cita diretamente a agroecologia. Alguns princípios dialogam com as perspectivas agroecológicas, como por exemplo a diversificação do cultivo, aceitar alimentos da época e economia solidária.

Reis da Silva e Dornelles (2020) apresentaram a correlação da CSA com a pedagogia do encontro. Dentro deste sistema, o aprendizado é compartilhado por meio de diferentes etapas, desde o cultivo até a circulação do alimento. A partir dessa construção contínua das relações e dos conhecimentos, da gestão e partilha dos cuidados, ocorrem transformações no modo de entender a relação cultura/natureza. Os autores reforçam que:

Esses cuidados são centrais e praticados de diferentes formas: na troca de receitas e dicas de armazenamento e preparo de alimentos; na escuta e acolhimento das dificuldades enfrentadas pelas coagricultoras e agricultores; nos processos de autogestão do grupo; na pactuação e gestão de combinados coletivos; e no fortalecimento dos vínculos afetivos entre as pessoas. (REIS DA SILVA, DORNELLES, 2020, pg 414)

O modelo de CSA traz diálogos diretos com a Agroecologia pois a partir dele, se faz possível construir processos políticos e pedagógicos que fortalecemos os laços de cooperação entre famílias agricultoras e coagricultoras, buscando fomentar muito mais que apenas produção de alimentos saudáveis, pois dialoga com um projeto de sociedade que propõe relações justas, mais afetivas e recíprocas entre os sujeitos.

A CSA Sorocaba se autodenomina como uma CSA Agroecológica em suas redes sociais e site. Porém, para compreender melhor o conceito de Agroecologia trabalhado pelos próprios agricultores, foi realizado um círculo de cultura com a pergunta geradora: “O que é agroecologia para o Sítio Mãe Terra?” (Figura 10).

Figura 10. Nuvem de Palavras para a questão: O que é agroecologia para o sítio Mãe Terra?



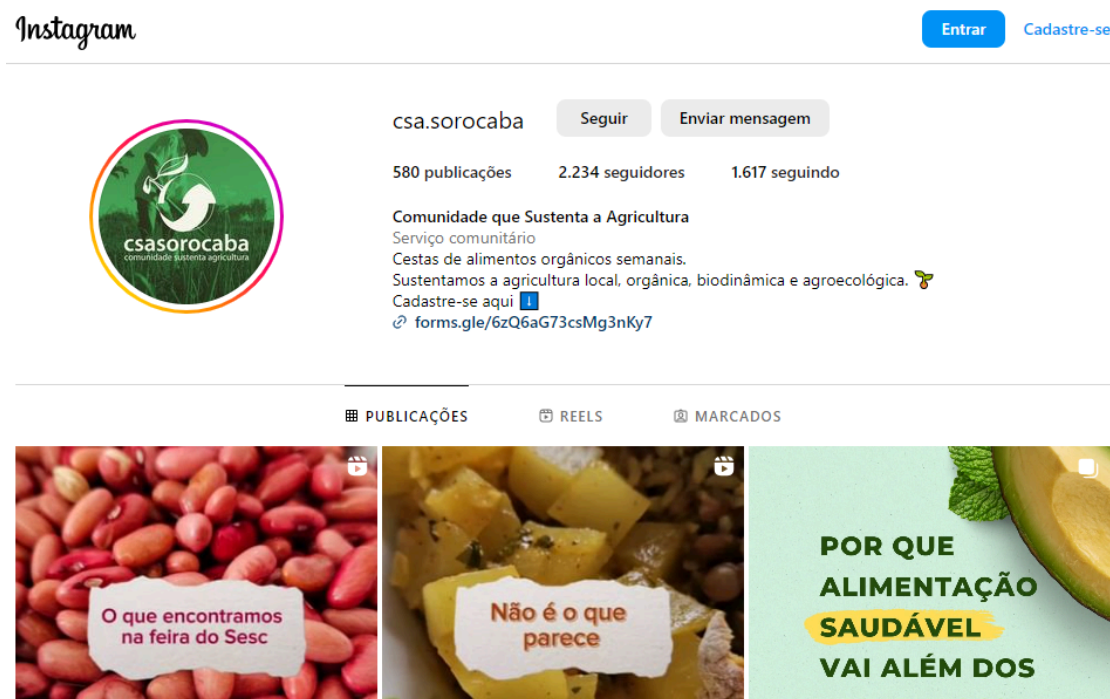
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Após muita discussão em várias rodadas do círculo de cultura, foram destacadas sete palavras, evidenciando as palavras: resiliência, luta, ciência, cultura, acolhimento, memória e vida. A família reforçou que a Agroecologia está dentro da lógica de trabalho e de vida do casal, uma luta que se trava a partir da ciência, cultura e acolhimento dos seres. A ciência tem sido uma aliada para a construção da Agroecologia no Sítio Mãe Terra, porém, sem ações que dialoguem o político e o social por meio das articulações em rede, a Agroecologia é enfraquecida.

Analisando as redes sociais, observou-se que a CSA Sorocaba se define em seu Instagram (@csa.sorocaba) como uma cesta de alimentos orgânicos que sustenta a agricultura local, orgânica, biodinâmica e agroecológica (Figura 11). Já no site, o grupo de comunicação alertou que está com informações desatualizadas, apesar de servir como ponto focal importante

para pessoas que buscam maiores informações sobre as cestas e a metodologia geral da CSA.

Figura 11. Instagram da CSA Sorocaba.



Fonte: CSA Sorocaba (2024)

A mídia hegemônica atua diretamente com o incentivo do consumo de ultraprocessados, um estudo realizado pela UNICEF (2021) sobre alimentação na primeira infância apontou o alto consumo de alimentos ultraprocessados e a insegurança alimentar de famílias beneficiadas pelo programa Bolsa Família. Além de fatores determinantes como ausência de políticas públicas, a falta de informação adequada se mostrou determinante nos padrões alimentares dessas famílias, que enfrentam obstáculos para discernir o que constitui, de fato, uma alimentação saudável.

As ferramentas de comunicação, quando têm como princípio as perspectivas e culturas dos camponeses e dos povos e comunidades tradicionais, possibilitam a divulgação dessas narrativas, feitas por e para esses sujeitos. As práticas agroecológicas e as iniciativas de comunicação e

cultura popular podem se fortalecer mutuamente e operarem articuladas na definição de novos paradigmas relacionados aos direitos à alimentação, à cultura e à comunicação (ALMEIDA, 2020).

Falar sobre Agroecologia e alimentação saudável e de qualidade significa disputar a própria ideia de alimentação saudável, e essa disputa é extremamente desigual quando analisamos as ferramentas e a estrutura de comunicação, requerendo engajamento e articulação integrada com diversos setores para possibilitar mudanças estruturais e efetivas (CASTRO, 2015).

Dialogando com os princípios fundadores da CSA Brasil, tais como cultura do apreço, horizontalidade e confiança, a CSA Sorocaba tem se desafiado a construir estratégias de diálogo, mas principalmente, ações que possam comunicar para a sociedade os princípios agroecológicos e os anúncios e limitações na construção da agroecologia em um lote da reforma agrária.

A troca de experiências entre os coagricultores é um ponto forte da Comunidade. Dúvidas referentes a alimentos não convencionais são sempre dialogadas a partir do coletivo ou com conteúdo interativo nas redes sociais, contribuindo para uma maior aceitação de alimentos sazonais e locais. Outro ponto a se destacar são as trocas de receitas, que são potenciais para a sensibilização para a mudança de hábitos alimentares, como a incorporação das PANCs na dieta. O coletivo tem o costume de trocar semanalmente receitas com os alimentos que vem na cesta e algumas delas são convertidas em publicações no Instagram, o que acaba atraindo outros públicos também (Figura 12).

Figura 12. Publicação de receita no Instagram da CSA.



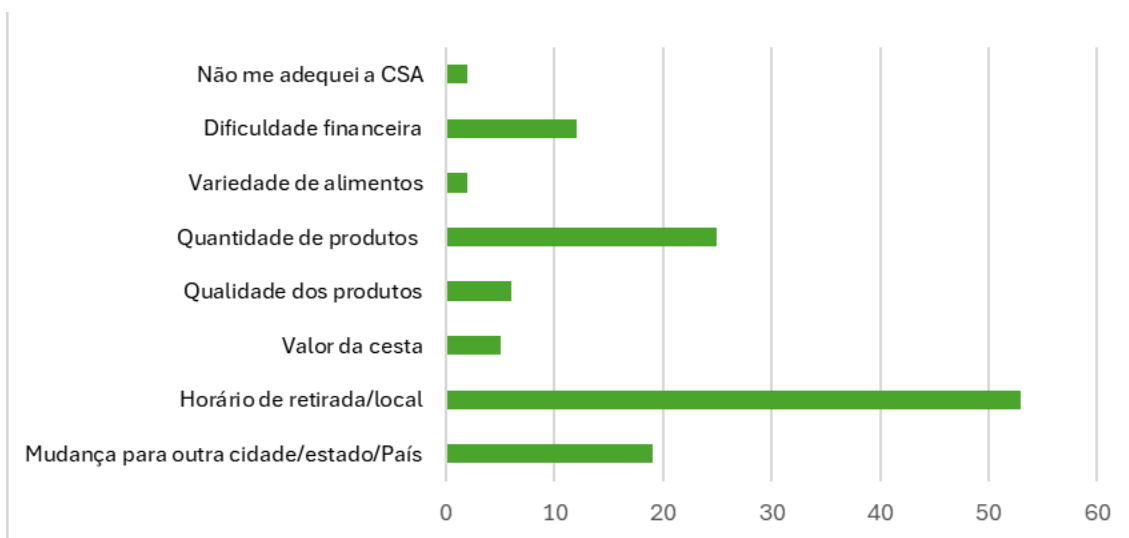
Fonte: CSA Sorocaba.

Como processo de acolhimento e acompanhamento dos coagricultores, o grupo coração montou dois formulários, um para recém-chegados e um para monitoramento de pessoas que se desligam da CSA. O número de coagricultores oscila em cada mês, porém a média tem sido de 25 famílias. Esse formulário é aplicado de forma não obrigatória desde o primeiro ano da CSA, tendo um total de 111 respostas (Gráfico 1). Ao questionar aos coagricultores os principais motivos para se desligarem da CSA, a maior justificativa tem sido o horário e local de retirada da cesta (é concentrado em apenas 1 dia da semana) e quantidade de produtos, pois famílias pequenas relatam que a quantidade de 9 itens acaba sendo muito grande para o consumo semanal.

Para dialogar com essa questão da quantidade de alimentos que vem na cesta semanalmente, foi criada a “cesta da dádiva” com a descrição: “pegue se desejar, doe se não for consumir”. Essa ação tem sido muito interessante para combater tanto o desperdício de alimentos, quanto estimular a solidariedade

pois os alimentos que ficam na cesta e não são compartilhados por outros coprodutores, ao fim do dia são doados.

Gráfico 1. Motivos para Desistência na CSA Sorocaba



**Fonte:** Elaborado pela autora.

Como destacado no Gráfico 1, um dos motivos para os coagricultores deixarem a CSA é a "qualidade" dos alimentos. Na justificativa do formulário, esse item estava muito associado a alimentos que as pessoas não conhecem, não tem hábito alimentar de consumir. Para remediar esse problema o GT de comunicação tem trabalhado com vídeos explicativos, *reels* e postagens em geral para tirar dúvidas e apresentar os alimentos que não são tão convencionais como Longan, mamão verde e coração de banana. E uma destas soluções tem sido a troca de receitas a partir do grupo do WhatsApp e que posteriormente são compartilhadas nas redes. Portanto, mesmo que tenha alimentos diferentes, o grupo provoca a curiosidade a partir das receitas.

As postagens no Instagram são frequentes, tendo diversos tipos de conteúdo, desde receitas, relatos de dia de campo, vídeos autorais dos próprios agricultores, vídeos informativos sobre agroecologia, entre outros (Figura 13). Todos esses conteúdos são construídos dialogando diretamente

sobre as atividades da CSA, contribuindo para atrair novos coagricultores e informar sobre a agroecologia.

Figura 13. Feed do Instagram da CSA Sorocaba

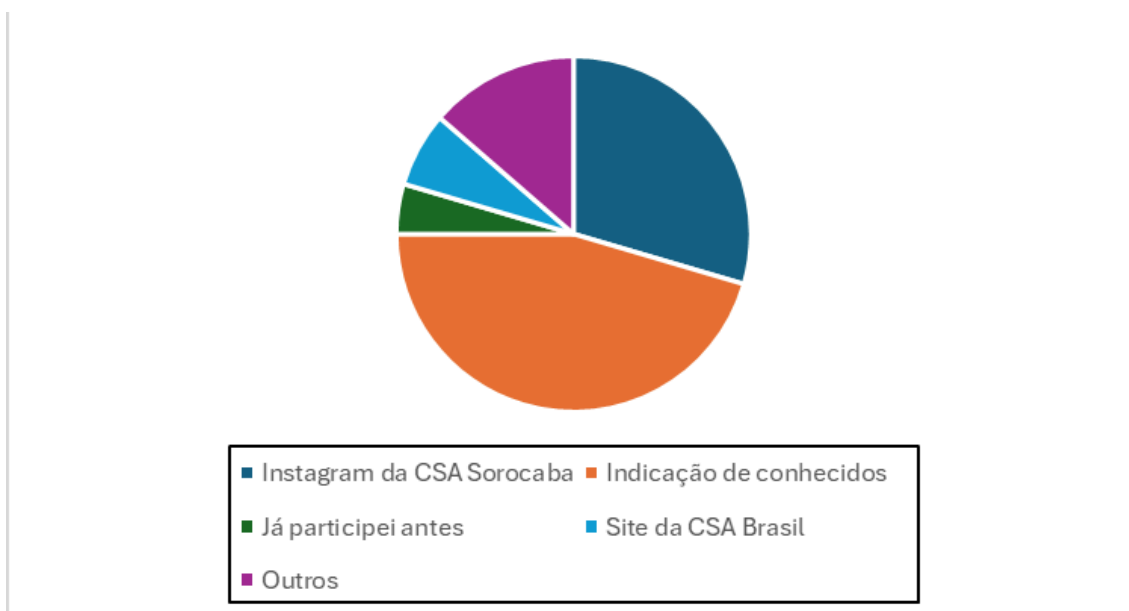




Fonte: CSA Sorocaba (2024).

Ao perguntar aos coagricultores como eles conheciam a CSA, de 44 respostas, treze pessoas informaram que o principal canal de informação era o Instagram, mas a principal forma tem sido a indicação de pessoas (coagricultores e conhecidos) com vinte respostas. O Gráfico 2 mostrou a importância do diálogo e interação com a sociedade, tanto por meio dos coagricultores quanto a partir das redes sociais.

Gráfico 2. Pergunta- Como você encontrou a CSA Sorocaba?



**Fonte:** Elaborado pela Autora.

Apesar da notável importância das redes, principalmente do Instagram, o grupo de comunicação destacou a dificuldade de se enquadrar no perfil da rede social. O Instagram tem melhor alcance de público com vídeos de até 15 segundos. Como pode-se observar na Figura 14, um vídeo de 15s teve alcance de 598 reproduções e um vídeo de 45s teve alcance de 16 reproduções. A questão que traz é: como dialogar sobre um assunto tão complexo que é a agroecologia, com um tempo tão limitado?

Figura 14. Relação da visualização dos vídeos do Instagram.

All content

Posts Media type Filter Clear Search by ID or caption Columns

Title	Date published	Plays	Reach
Se você se preocupa com sua saúde a curto e longo ... CSA Sorocaba	Thu Mar 21, 8:59am	43 Plays	25 Reach
Se você se preocupa com sua saúde a curto e longo ... csa.sorocaba	Thu Mar 21, 8:59am	598 Plays	456 Reach
É isso que acontece quando se faz parte de uma com... CSA Sorocaba	Fri Mar 15, 8:53am	407 Plays	139 Reach
É isso que acontece quando se faz parte de uma com... csa.sorocaba	Fri Mar 15, 8:53am	16.4K Plays	10.7K Reach
Vem ver como foi a edição desse sábado da Feira Agr... CSA Sorocaba	Sun Mar 10, 10:04am	554 Plays	102 Reach
Vem ver como foi a edição desse sábado da Feira Agr...		4.3K	3K

Fonte: CSA Sorocaba (2024).

Para além das próprias redes sociais, comunicar agroecologia é comunicar uma ciência que se contrapõe à ciência a serviço do agronegócio. Isso implica dificuldades em viabilizar a produção e circulação equivalente dos diversos pontos de vista sobre essas temáticas (ALMEIDA, 2020). A comunicação em Agroecologia enfrenta desafios significativos, pois compete com a comunicação da mídia hegemônica, que possui mais recursos e alcance. Sobre a comunicação em Agroecologia, Pereira *et al* (2020) afirma:

Com a função de aproximar os lutadores e lutadoras da terra, possibilitar a troca de experiências, vivências, desafios e perspectivas, além de ajudar na simbologia e produção de códigos culturais para que a agroecologia se constitua cada vez mais como uma ferramenta de luta da classe trabalhadora.

Sendo assim, construir uma comunicação popular e contextualizada, possibilita que a Agroecologia realmente possa ser dialogada e disputada como narrativa.

#### 5.4. Onde estão ancorados nossos sonhos?

Ao perguntar ao coletivo de agricultores e coagricultores quais são os próximos passos para a CSA Sorocaba e o que poderia ser melhorado na construção do conhecimento, o principal ponto foi o aumento do número dos coagricultores e a aproximação de mais parceiros no campo e na cidade. Essa integração com a sociedade vai além dos próprios coagricultores e as redes sociais contribuem expressivamente para esse diálogo. No entanto, o coletivo enfatiza que o contato direto, cara a cara, é a maneira mais eficaz de promover uma verdadeira proximidade entre as pessoas. A agricultora reforçou durante o grupo focal:

A gente quer estar mais presente em feiras para poder dialogar com a sociedade a partir dos alimentos. Contar que vai além do alimento, porque contribui com a vida, água, solo, ar e com a qualidade de vida das pessoas.

Dentro dessa lógica de aproximar as pessoas, potencializando também ações de valorização da arte e cultura camponesa, o Sítio Mãe Terra tem sonhado e planejado com os parceiros uma proposta de um projeto de formação contínua no lote, denominado como Espaço de Vivência Agroecológica (EVA). Essa ideia vem com o objetivo de aprimorar as atividades que já são realizadas periodicamente mas com mais força, planejamento e intencionalidade.

O EVA será um espaço de compartilhamento de ideias, diálogos de saberes e construção da agroecologia a partir de uma comunidade com pessoas afins. Um salto na vivência agroecológica para conforto das ideias para receber visitas escolares e populares, sendo um local de encontro também dos movimentos e organizações que constroem a agroecologia na região e no estado. As formações serão direcionadas a partir de dois grupos, sendo eles: guardiões da cultura e guardiões do presente. Os guardiões da cultura irão vivenciar formações relacionadas aos saberes, cultura e arte, já os guardiões do presente irão dialogar sobre práticas agroecológicas e o debate dos conflitos e anúncios do território, sendo ambos complementares. Portanto,

a perspectiva é de aprofundar a construção deste conhecimento, complexificar e articular a Agroecologia com outros temas importantes na vida das pessoas e trazer para o centro da CSA a realização de dias de campo e de formação com os co-agricultores, população em geral e com escolas.

## **CONCLUSÕES**

A CSA Sorocaba desenvolve desde sua constituição ações em rede integrando a sociedade, compreendendo o alimento como porta de entrada para a agroecologia. O alimento de qualidade é um princípio estruturante da CSA Brasil, mas é a partir do diálogo, da construção do conhecimento e das ações que a agroecologia é fortalecida. A agroecologia não se constrói de forma individualizada, ela precisa ser movimentada, reconhecida e valorizada. Essa aproximação fortalece o vínculo das famílias com os coagricultores, fazendo com que não seja apenas um alimento sem veneno que poderia ser comprado em uma gôndola de supermercado. A manutenção de um grupo que dá sustentação aos agricultores, que apoiam e consomem as produções sazonais, as PANCS, não abrem mão de buscar suas cestas nos dias determinados, que trocam dicas e receitas são marcas da experiência desta CSA.

Dentro da lógica da CSA as dificuldades são compartilhadas, assim como as conquistas são celebradas de forma coletiva. A CSA possui uma estrutura que fortalece a agroecologia a partir da humanização do processo de cultivar alimentos. Com a pesquisa observou-se como coagricultores e agricultores juntos podem diminuir as dificuldades enfrentadas na produção e em questões cotidianas a partir de relações de solidariedade, como por exemplo quando o micro trator foi comprado coletivamente.

Problemáticas como limitação ao acesso às políticas públicas, tecnologias e mão de obra, infelizmente não são exclusivas do Sítio Mãe Terra, expressando a realidade da agricultura familiar assentada. Todos esses fatores são sentidos ainda mais com a questão geracional, já que o estudo de caso apresenta a especificidade de uma experiência realizada por um casal de

idosos. Apesar disso, foi evidenciado a vontade e o empenho do agricultor e da agricultora em manter o sítio e a CSA sempre em constante movimento, propondo inovações e novas estratégias de construção da agroecologia.

O sítio Mãe Terra vem buscando alternativas para reverter esses desafios a partir de ações coletivas como dias de campo, intercâmbios, estágios e mutirões. O acesso à Políticas de incentivo à agricultura familiar são determinantes para a estruturação das experiências agroecológicas. Ao longo da descrição do Rio do Tempo, observou-se como a conjuntura política pode favorecer ou não o estabelecimento dos circuitos curtos de comercialização, seja com ações de formação como foi o caso do Pronera, ou como acesso a PAA e PNAE, além de créditos rurais e fomentos.

A CSA Sorocaba tem desenvolvido estratégias de diálogo com a sociedade, cuja experiência pode se somar a tantas outras para o fortalecimento e construção da agroecologia. Observou-se que desde sua criação, ela se constituiu a partir da rede Sorocabana de agroecologia e todos os parceiros que historicamente fomentam e movimentam a agroecologia na região, buscando soluções inovadoras e contextualizadas para promover a resiliência e a prosperidade no campo. Os processos de certificação e as relações com a agricultura biodinâmica ajudaram no conhecimento e no desenvolvimento da prática agrícola, aperfeiçoando o uso dos preparados biodinâmicos e na implantação de sistema agroflorestal.

Destaca-se a participação da Universidade e dos estudantes no processo de construção do conhecimento, experimentação e pesquisa a partir dos trabalhos, congressos, relatos, artigos e visitas. O fato do casal ter curso Agronomia pelo Pronera e todas as relações de pertencimento com o grupo de pesquisa fortaleceram ainda mais a possibilidade de construir conhecimento, como observado no grande número de trabalhos realizados pelo grupo. Os estudantes e os agricultores estão em constante processo de troca de conhecimentos, movimentando o conhecimento a partir de reflexões, mas também com ações práticas de trabalho dentro do lote, sendo um processo contínuo, retroalimentado.

Construir Agroecologia na prática é construir ciência no dia a dia. A CSA Sorocaba, juntamente ao Sítio Mãe Terra, tem contribuído com esse exercício, a construção do conhecimento agroecológico é alimentada e semeada em cada ação estratégica, em cada dia de campo, em cada receita compartilhada. As estratégias de diálogo de saberes que foram acumuladas ao longo do rio do tempo da CSA Sorocaba mostra um amadurecimento de ações potenciais para construção da agroecologia em rede.

## LITERATURA CITADA

ALTIERI, M. A., NICHOLLS, C. I. (2017). Agroecology: A Brief Account of its Origins and Current Directions. *Elements*, 13(2), 10-15

ALMEIDA, F.F. As Estratégias de Resistência Camponesa no Lote Mãe Terra do Assentamento Horto Bela Vista de Iperó (SP). Sorocaba: UFSCar. 2019.

ALMEIDA, Marcelo Oliveira de, 1977- **Propostas para comunicação agroecológica** / Marcelo Oliveira de Almeida. - Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2020. 54 p.: il., color.

BARROS, C.E. **CONTRIBUIÇÕES DA CROMATOGRAFIA CIRCULAR DE PFEIFFER PARA A ANÁLISE DA SAÚDE DO SOLO**. UFSCar. 2020.

BIAZOTI, A; SOUZA, N. A.; TAVARES, P. **Caderno de metodologias: Inspirações e experimentações na construção do conhecimento agroecológico** – 1. Ed. – Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2017.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 no 1, p. 68-80. 2005.

BRANDÃO, C.R. **Pesquisa Participante - o Saber da Partilha**. Editora Ideias Letras. 2006.

BRANDENBURG, A. **Movimento agroecológico: trajetória, contradições e perspectivas**. Desenvolvimento e Meio Ambiente. n. 6. p. 11-28 Editora UFPR. 2002.

BURG, I.C. **As Mulheres Agricultoras na Produção Agroecológica e na comercialização em feiras no Sudoeste Paranaense**. 131p. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) – Curso de Pós-Graduação em Agroecossistemas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2005.

**BUQUERA, R.B; FRANCO, F.S.; AMORIM, R.W.; SOUZA LIMA, T.; SILVA, J.E.M.; SOUZA. T.S.; VIANA, S. O MUTIRÃO DE RELAÇÕES AGROECOLÓGICAS DO NÚCLEO APÊTE-CAAPUÃ: TECENDO REDES NA REGIÃO SOROCABANA. Revista Brasileira De Agroecologia. 2018.**

**CASTRO, I.R.B.** Desafios e perspectivas para a promoção da alimentação adequada e saudável no Brasil. **Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 31(1):7-9, jan, 2015.**

**CSA BRASIL – COMUNIDADES QUE SUSTENTAM A AGRICULTURA.** Disponível em: < <http://www.csabrasil.org/csa/>> . Acesso em 10 de Março de 2024)

COTRIM D. S., & Dal Soglio, F. K. (2016). **Construção do Conhecimento Agroecológico: problematizando o processo**. Revista Brasileira de Agroecologia, 11(3), 259-271. ISSN: 1980-9735. Ensaio Teórico.



DAROLT, M.R.; ROVER, O.J. **Circuitos curtos de comercialização, agroecologia e inovação social**. Florianópolis, SC : Estúdio Semprelo, 2021.

ECKER, D. **Agricultura Sustentada pela Comunidade: Alternativa para ampliar a sustentabilidade da produção e consumo de alimentos**. 5º Fórum Internacional ECOINOVAR 1º Conferência Internacional de Sustentabilidade e Inovação, Santa Maria/RS, 2016.

FREITAS, Fernando A. **As estratégias de resistência Camponesa no lote Mãe Terra do Assentamento Horto Bela Vista de Iperó (SP)**. 2019.

GONÇALVES, M.; HANNAS, A. Agricultura alternativa e mecanismos de certificação agropecuária: uma análise do marco regulatório. **Revista Rural & Urbano. Recife. v. 03, n. 02, p.82-105. 2018.**

GONÇALVES, Pedro K.. **Potenciais e demandas para o desenvolvimento da agroecologia na região da bacia do Alto Sorocaba-Médio Tietê : ações, instituições e inserção junto à agricultura familiar**. São Carlos : UFSCar, 2013.

GÚZMAN, E.S. A perspectiva sociológica em Agroecologia: uma sistematização de seus métodos e técnicas. **Agroecol.e Desenv.Rur.Sustent.,Porto Alegre, v.3, n.1, p. 18-28. 2002.**

HESSEL, L.B. **O Uso Do Grupo Focal Em Pesquisa Qualitativa**. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, Out-Dez; 17(4): 779-86. 2008.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . **Censo Brasileiro de 2021**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

**JESUS, A. S. S; OMMATI, J. E. M.** Segurança alimentar e revolução verde: questionamentos atuais acerca da luta contra a fome no plano internacional. **Revista do Direito Público, Londrina, v. 12, n. 3, p.191-215, dez. 2017.**

**JUNQUEIRA, A. H.; MORETTI, S. L. A.** Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA): tecnologia social de venda direta de alimentos e de revalorização das identidades alimentares territoriais. **Estudos Sociedade e Agricultura, vol. 26, núm. 3, pp. 517-538 Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro Brasil. 2018.**

**LARANJEIRA, N. P.F; CARCELLE, S.; de MIRANDA, D.; SÁ, T. D. A; TRENTTO, L.G.; SOUZA, T.S.; CARDOSO, I.M.** Para Uma Ecologia De Saberes: Trajetória Da Construção Do Conhecimento Agroecológico Na ABA. **Revista Brasileira de Agroecologia, [S.I.], v. 14, n. 2. 2019.**

LOUREIRO, C.F.B.;FRANCO, J.B. **ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DO CÍRCULO DE CULTURA: uma possibilidade pedagógica e dialógica em educação ambiental.** AMBIENTE & EDUCAÇÃO. vol. 17(1). 2012.

**MELO, A.M.; FREITAS, A.F.; CALBINO, D.** Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA): panorama das pesquisas brasileiras . **COLÓQUIO – Revista**

**do Desenvolvimento Regional - Faccat - Taquara/RS - v. 17, n. 2, abr./jun. 2020.**

NETO, Djalma N.F; TORUNSKY, Flavia. Agricultura Apoiada Pela Comunidade e a “Economia Viva” de Rudolf Steiner. **REDD – Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**. Araraquara, v.8, n.1 e 2. 2014.

**NUNES, A. et al.** Agroecologia versus Agronegócio: a resistência do cultivo sustentável no país que mais utiliza agrotóxicos. **Cadernos de Agroecologia. Dourados, Mato Grosso do Sul - v. 15, nº. 4, 2020.**

PEREIRA, C.E.S.; CAMPELO, F.O.; SANTOS, V.O.; GIVIGI, A.C.N.; COSTA, G.S. **Sistematizar e comunicar a agroecologia como ferramenta de luta popular. Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.**

REIS DA SILVA, A. T.; DORNELES, A. B. **Pedagogias ecológicas e decoloniais em rede: o movimento CSA como comunidade de aprendizagem.** Vol. 59, p. 399-417, jan./jun. 2022

SANTOS, Maria . R. ; FRANCO, F. S. ; SANTOS, R. V. ; ALMEIDA, W. S. ; SANTOS, C. C. **A Agroecologia e as OCS nos Assentamentos de Iperó/SP.** Cadernos de Agroecologia - ISSN 2236 - 7934 – Vol 10, Nº3 de 2015.

SERRA, L.S *et al.* **Revolução Verde: reflexões acerca da questão dos agrotóxicos.** REVISTA DO CEDS (Revista Científica do Centro de Estudos em Desenvolvimento Sustentável da UNDB). Número 4 – Volume 1. 2016.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e Agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2015.

SILVA, M.G. **Pedagogia do Movimento Agroecológico: Fundamentos Teórico Metodológicos.** Niterói: RJ. 2020.

SILVA, Lorene A.T; Cardoso, Ricardo C.; NARCISA-OLIVEIRA, Jeniffer; MACIEL, Josemar D.C. A Experiência da CSA - Comunidade que Sustenta a Agricultura como Fator Promotor de Desenvolvimento Local - **Revisão. v. 13 n. 2 (2018): Anais do AGROECOL. 2018, Campo Grande/MS.**

SILVA, V. **O papel transformador das Comunidades que Sustentam a Agricultura(CSA): O caso da Associação dos Produtores Agroecológicos do Alto São Bartolomeu (APROSPERA).** Brasília, 2018. 35 p.

SOARES, R. O. **Do preço para o apreço: novas relações entre atores em processos de agricultura apoiada pela comunidade.** IFFAR, Portugal. 2022.

SOUSA, R.P. **Educação em agroecologia: reflexões sobre a formação contra-hegemônica de camponeses no Brasil.** *Cienc. Cult.* [online].,vol.69, n.2, pp.28-33. 2017.

SOUSA JUNIOR, E. S. de; JUNQUEIRA, A M. R. **Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA): Inclusão socioeconômica e produção de base agroecológica.** *Cadernos de Agroecologia*, v. 15, n. 2, 2020. Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe. ISSN 2236-7934. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/5720/3871>. Acesso em: 17 mai. 2024

VAILATI, P.H; CARVALHO, M.H.X. **Agroecologia no Brasil: história e polissemia de um conceito.** *Agroecologia: princípios e fundamentos ecológicos aplicados na busca de uma produção sustentável.* Luis Manuel Hernández García (Ed.) 2021.

WEZEL, A. *et al.* **Agroecology as a science, a movement and a practice.** A review. *Agronomy for Sustainable Development*, vol. 29, p. 503–515, 2009.

ZANON, R.S. **Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica: Breve análise da implementação no estado do Rio Grande do Sul.** *BNDES Set.*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 54, p. 143-183, set. 2021.